

Adão: Criança? Um olhar teopoético

Recebido: 24/05/2016. Aprovado: 26/05/2016.

*Edinei da Rosa Cândido**

*Fernando Steffens***

Resumo: *O presente artigo tem por objeto de análise a criança, vista a partir do olhar de Jesus, que a apresenta como portadora do Reino. Ela possui características que devemos resgatar em nós mesmos, a fim de alcançarmos o que Jesus nos propõe: entrar no Reino. Para isso, precisamos voltar ao paraíso e reencontrar Adão, pois, segundo alguns Padres da Igreja, ele, no paraíso e antes da queda, era uma criança. Seria, por ventura, este Adão a mesma criança que Jesus quer que sejamos? Como tornar-se uma delas? O batismo é uma chave de resposta. Além disso, nos apropriamos de um personagem literário, Pin, que é uma criança e, a partir do seu drama, fazemos uma leitura teopoética deste, de Adão, da criança e de todos nós, homens decaídos e regenerados. A abordagem, portanto, é antropológica, teológica e literária, o que sugere uma Teopoética.*

Palavras-chave: *Criança. Adão. Teopoética.*

Abstract: *This paper takes as an object of analysis the child, seen as Jesus sees it, presenting the child as Kingdom bearer. It possesses characteristics that we should rescue in ourselves, so that we attain what Jesus himself proposes to us: entering in the Kingdom. For this, we should go back to paradise and find again Adam, because, following some Fathers of the Church, in paradise and before the fall, Adam was a child. Should perhaps this Adam be the same child that Jesus wants us to be? How could we be one of them? Baptism is a clue to the answer. Besides this, we embody a literary character, Pin, who is a child and, departing from his drama, we make a theo poetic reading of him, of Adam, of the child, and of all of us, decayed and regenerated persons. The approaching, then, is anthropological, theological, and literary, and this suggests a Theopoetics.*

Key-words: *Child, Adam, Theopoetics.*

* Doutor (2005) em Teologia e Ciências Patrísticas, Instituto Patrístico Agostiniano, Roma. Diretor Geral e Professor da FACASC. Pároco de Nossa Senhora das Necessidades, Florianópolis.

** Bacharel em Filosofia (2011), Faculdade São Luiz, Brusque. Bacharel em Teologia (2015), FACASC, Florianópolis. Autor do livro *Divagações Poéticas*. Fazendo estágio pastoral na Paróquia Nossa Senhora da Imaculada Conceição, em Gaspar.



1 A questão das crianças

Existe um universo bíblico pouco explorado, muito embora seja dotado de uma riqueza ímpar, que é o universo infantil. Há uma série de personagens nas sagradas escrituras que não alcançaram a idade adulta, mas nem por isso deixam de ter importância na história da salvação. Lembremos, entre outros, de Moisés que foi tirado das águas quando ainda era um lactente (Ex 2,1-10); dos primogênitos mortos no Egito, inclusive o do Faraó (Ex 11,1-6), bem como aqueles assassinados por ordem do despótico Herodes, já em ambiente neo-testamentário (Mt 2,16); de Jeremias, que desde antes do ventre materno já era conhecido por Deus e fora consagrado antes de ser dado à luz (Jr 1,5); dos filhos dos babilônicos que, por vingança, quisera fossem lançados contra as rochas (Sl 137); e temos Jesus, cujo relacionamento com as crianças é nosso alvo.

Os mundos greco-romano e judaico tratam as crianças de formas bastante diferentes. Para a cultura helênica o infante não tem importância, senão para algum rito religioso, devido ao seu estado de pureza que, acreditam, agradasse aos deuses. No mais “a infância era caracterizada como uma fase frágil, insignificante, biográfica, algo assim como um prólogo para a idade adulta”.¹ Já no mundo galilaico, mais ainda, na cultura judaica como um todo, a criança era vista como uma bênção de Deus (Gn 1,28), ao passo que a esterilidade tinha as faces da maldição (1Sm 1,6). A necessidade de assegurar a progênie garante às crianças um lugar especial e faz com que “fossem consideradas uma dádiva tão preciosa.”² Eram iniciadas na Lei desde cedo nas severas escolas rabínicas, os primogênitos eram oferecidos a Deus, o mandamento que lhes cabia era honrar pai e mãe e o ambiente familiar era importante para sua educação religiosa e social.

Não obstante tudo isso, a atitude de Jesus perante elas causa escândalo. Jesus, ao chamar para perto de si as crianças, ao colocá-las no centro, ao abraçá-las, ao torná-las protótipos do Reino toma uma atitude diante delas que Weber classifica como “tão assombrosa e tão inédita, que seus discípulos não entendiam.”³ Na perspectiva de Pagola, as crianças são representantes dos mais pobres e indefesos e

¹ WEBER, Hans-Ruedi. *Jesus e as crianças*. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 10-11.

² WEBER, 1986. p. 13.

³ WEBER, 1986. p. 16.



são inseridas na lista dos preferidos de Jesus justamente por ocupar uma posição indiferente na sociedade. “Na Galileia dos anos 30, ser criança equivale a não ser ninguém: uma criatura débil e necessitada, totalmente dependente dos pais.”⁴ Ao acolhê-las e dar-lhes um destaque central em seu ensinamento a respeito do Reino, o nazareno extrapola os moldes sociais e reconfigura a sociedade a partir dos mais fracos, invertendo a pirâmide, conforme a máxima evangélica: “Quem quiser ser o primeiro, seja o último” (Mc 9,35).

Tal como fez em relação a tantos outros excluídos da sociedade – leprosos, prostitutas, cegos, mulheres, endemoniados, estrangeiros etc. – Jesus inverte a lógica das relações sociais e estabelece um novo paradigma: “constitui as crianças como suas representantes na sociedade. Assim como Deus está presente nele em virtude de sua missão messiânica, igualmente Cristo está presente em cada criança.”⁵ Esta aproximação do Reino por meio das crianças é impactante e desconcertante. Certamente não foi bem acolhida pelos seus contemporâneos. Embora os evangelhos não digam que os discípulos tenham pedido a Jesus que explicasse o que significava tornar-se criança, como fizeram em outras parábolas (a do semeador, por exemplo: Mc 4,10), não seria equivocado supor que tal questionamento fosse levantado nos bastidores da cena.

Sendo assim, a criança tem características próprias que não podem passar despercebidas quando intentamos aprender o ensinamento do Mestre de Nazaré. Ela “é uma metáfora universal para falar de confiança nos pais, inocência, humildade, sinceridade e muitas outras coisas.”⁶ Elenquemos algumas destas particularidades infantis:

a) *inocência, pureza, ingenuidade*: A inocência aponta para a ausência de culpa (*non nocere*), imputada à consciência de Adão apenas após o pecado. No paraíso não há espaço para a culpa, pois o pecado é desconhecido. A ingenuidade e a pureza nos fazem pensar na ausência da maldade no coração adâmico;

b) *fragilidade e dependência*: Na boca de Jesus, a fragilidade, a pequenez das crianças é elevada quase à categoria de virtude, pois faz

⁴ PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. Tradução: Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 297.

⁵ MOLTMANN, Jürgen. *No fim, o início*: breve tratado sobre a esperança. Tradução: Irineu J. Rabuske. São Paulo: Loyola, 2007. p. 27.

⁶ PAGOLA, 2012. p. 296.



dela a herdeira por excelência do Reino celeste. “Quem não se tornar como criança não entrará no Reino dos Céus” (Mt 18,3). A fragilidade nos faz pensar na quase total dependência que as crianças têm dos seus pais. Se elas são trazidas para junto de si e acolhidas de forma tão terna, ocupando o centro, é “porque são as mais necessitadas de cuidado e de amor.”⁷ No centro do seu instinto de sobrevivência está, naturalmente, a carência da dependência.

c) *capacidade de perdoar*: Cristo pede aos discípulos que deixem as criancinhas se aproximarem dele talvez porque em seus corações há o antídoto contra o pecado: o perdão, que as deixa imunes ao ódio, à raiva, ao rancor, ao ressentimento e a tantos outros sentimentos provocados pela sua falta. As crianças se configuram como um oásis de perdão em meio ao deserto provocado pela sua ausência. Todas as relações humanas que carecem do perdão não se sustentam. Uma sociedade que não alimenta a criança que mora em seu seio afasta todos os seus membros do amor, de Jesus.

d) *a maldade*: Jesus não é ingênuo ao observar o comportamento infantil dos pequeninos. Ele “observa agudamente como esses se comportam algumas vezes de maneira birrenta ou obstinada frente às diversas propostas de brincadeira”⁸, conforme relata-nos Mt 11,16-17 e Lc 7,31-32. “Sabe que como existe o mal no coração do homem, pode existir o mal nas crianças”.⁹ A geração má que procura sinais (Lc 11,29-32) é uma geração infantil e infantilizada, pertence à primeira humanidade, está revestida do velho Adão. Ela não participa da dinâmica salvadora de Cristo. Tal como Adão, está fora do paraíso – parabolicamente, fora da brincadeira –, prefere fechar-se em seu próprio ego.

2 Adão:criança? Uma leitura antropológica

Desde que, em Adão, foi perdida a inocência genesiaca a humanidade deixou de ser criança, de viver em seu estado natural de pureza, sendo contaminada pelo vírus diabólico do pecado, causador da divisão. Perdido o equilíbrio passa a haver desintegração na realidade interior da pessoa, que a desfigura de sua matriz original. O pecado

⁷ PAGOLA, 2012. p. 274.

⁸ ROCHETTA, Carlo. *Teologia da ternura*: um evangelho a descobrir. Tradução: Walter Lisboa. São Paulo: Paulus, 2002. p. 171.

⁹ ROCHETTA, 2002. p. 171.



é o causador de todo esse movimento fazendo emergir a necessidade da pergunta: o que é o homem, afinal? Diante de tão indagadora sentença, fica difícil acharmos uma resposta adequada, satisfatória, completa. Afinal, somos um nó existencial. Seria mister que pairasse sobre a pergunta o silêncio. Não obstante, no decorrer da história, o próprio homem vem tateando uma resposta para si, no intuito último de conhecer-se a si mesmo. Deste desejo inato de autoconhecimento deriva a ciência antropológica (*antropos*: homem; *logos*: razão). A partir de suas mais diversas vertentes – filosófica, teológica, sociológica, pedagógica, política, mística, cultural etc. – vai-se criando um grande mosaico daquilo que vem a ser o homem.

Mas resumirmos o homem a *um ser pecador* é rebaixá-lo demais em sua dignidade. Cristo é a nova figura, o novo Adão, a nova imagem e a nova humanidade. Ele é quem nos devolve nossa verdadeira identidade. E qual nosso papel nisso tudo? Simples, devemos apenas voltar a ser criança. Mas o que significa isso deveras? Na busca por respostas, nosso caminho teológico se dá de forma centrífuga. Sendo justamente a união entre teologia e literatura um casamento de fronteira, saímos da rigidez da linguagem dogmática para trilhar um caminho mais suave, pelos meandros da mística idílica e das intuições literárias. Existe nelas uma leveza ímpar que nos faz mergulhar mais facilmente nos mistérios humanos e nos mistérios divinos.

Criado à sua imagem e semelhança, no ser humano Deus estampa sua identidade; faze-o descobrir, com o passar do tempo, que deve amar ao seu criador mais que a si mesmo. Contudo, essa descoberta por parte do homem é tardia, pois, como diz Mário Quintana:

*Deus criou este mundo, o homem, todavia,
entrou a desconfiar, cogitabundo...
Decerto não gostou lá muito do que via...
E foi logo inventando outro mundo.¹⁰*

E que mundo é esse? Chamemo-lo de mundo decaído, marcado pela tragicidade do pecado, edificado a partir do mau uso da liberdade na qual fomos criados. Quem é seu arquiteto? O primeiro Adão. Seu desejo de curiosidade fez com que desobedecesse – como uma criança que não entende o *não* de seus pais e sempre vai em busca de aventura

¹⁰ QUINTANA, Mario. *Mario Quintana: poemas para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 160.



– e tomasse do fruto proibido. Lewis descreve em prosa esta cena nas suas Crônicas:

Reconheceu logo a árvore que procurava, por encontrar-se no centro do jardim e também porque as grandes maçãs de prata projetavam uma luz própria nos lugares sombrios e não atingidos pela luz solar. Caminhou em linha reta até a árvore, apanhou uma maçã e colocou-a no bolso. Não sem olhar para ela e cheirá-la antes de guardá-la. Foi um erro. Uma sede e uma fome terríveis apoderaram-se dele, uma vontade alucinante de provar do fruto. Havia grande quantidade de maçãs. Faria mal comer uma?¹¹

A desobediência adâmica reflete-se na intransigência de todos nós. Somos herdeiros da falta cometida por nosso progenitor. Uma vez tomado desse desejo insaciável de provar do fruto, nunca mais essa fome abandonará a humanidade. Para todo o sempre seremos famintos e sedentos. Isso nos faz querer caminhar com Adão no Éden e acompanhá-lo em retirada até a entrada do jardim, lançar um último olhar para trás, fotografando com a alma uma última imagem do paraíso perdido e, com ele, arrastar os passos lentamente em direção à morte, sentindo nos ombros o peso imposto pela desobediência.

Perguntemos, então: como saber o que aconteceu no paraíso perdido? Quem era aquele que lá estava? Como vivia e o que fazia? Existirá sempre um mistério inefável pairando sobre essas questões. Entrar no paraíso e contemplar quem fomos é dar vida novamente a Adão. Ao falarmos dele, estamos, por antonomásia, falando também de nós. Isso significa que um dia já habitamos o Éden, no jardim? Não podemos nos esquivar de uma resposta afirmativa acerca da questão, do contrário nos contradiríamos. Então, porque em nossas lembranças não consta nenhum *flash* que nos faça visualizá-lo? Resta-nos uma regressão teológica para alcançar o que desejamos. Pela verve antropológica quiçá consigamos algum mérito na tentativa de resposta às indagações levantadas.

Quando vasculhamos nossa memória para reencontrar nosso passado, quanto mais longe ele se encontra tanto mais os fragmentos das reminiscências se tornam obscuros, confusos, obnubilados pela pátina do tempo que impede de reconhecermos nossa primeira identidade,

¹¹ LEWIS, C. S. *As crônicas de Nárnia*. 2. ed. Tradução: Silêda Steuernagel; Paulo Mendes Campos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, p 85.



os fatos pioneiros de nossa história, nossos primeiros passos, nossa infância remota. Da mesma forma, as lembranças do paraíso foram distorcidas, ofuscadas pela queda de Adão e – ato contínuo – passamos a envelhecer. Tornamo-nos adultos. Para Clemente Romano (sec. I), por causa da queda, este tornar-se adulto deu-se de forma repentina, como se o homem fosse roubado de sua infância e lançado em sua idade adulta antes do tempo.

*No paraíso, o primeiro homem era livre como uma criança ao brincar, pois ele era uma criança de Deus. Mas quando ele sucumbiu ao prazer [...] e vagou, conduzido pela luxúria, então, pela força da desobediência a criança se tornou um adulto [...] Uma vez livre por causa de sua simplicidade, a pessoa humana se torna escrava descida à sua pecaminosidade.*¹²

Não obstante, resquícios de nossa tenra idade permaneceram em nós. Tais são as infantis “virtudes da humildade, simplicidade, mansidão, inocência e sinceridade.”¹³ Estes talvez sejam “embriões” morais que darão vida novamente à criança que devemos nos tornar outra vez, diariamente.

Numa chave bíblico-teológica, o tornar-se criança é um processo existencial que acontece na permanente tensão que há entre o homem velho e o homem novo (Rm 5). Se a morte de Cristo matou em nós o velho Adão, há de nascer um novo em seu lugar e ninguém nasce senão criança. O novo Adão em nós, portanto, é a criança que nos recoloca no paraíso ao deixarmos que ela reviva em nosso interior. “Para isso não é necessário tornar a ser criança, o que seria uma infantilidade, mas é necessário tornar-se ‘como uma criança’”.¹⁴ Conseguimos, assim, saltar do plano biológico para o plano teológico das metáforas evangélicas relacionadas aos pequeninos. Criança é um estado interior que beira à realidade última do ser e não uma realidade externa caricaturada pela aparência. Ao passo que nos tornamos adultos no corpo, devemos buscar sê-lo na alma. Enquanto crescemos como adultos na fé, gestamos uma criança no espírito. Logo, percebemos que tornar-se criança não é algo tão simples ou romântico como possa parecer. É um trabalho

¹² HARRISON, Carol. The childhood of man in early christian writers (Theophilus, Irenaeus, Clement) (A infância do homem nos primeiros escritores cristãos (Teófilo, Irineu, Clemente). *Revista Augustinianum*. n. 32, 1992, p. 66.

¹³ HARRISON, 1992, p. 62.

¹⁴ MOLTMANN, 2007. p. 27.



de tessitura paulatina de um ser em constante construção, sujeito às vicissitudes da vida e da história.

Estamos diante dum movimento de devir. “Antes da queda o menino Adão tinha o potencial para a perfeição: ele tinha uma perfeição inicial que seria totalmente realizada à medida que ele se desenvolvesse, amadurecesse e crescesse em conhecimento em direção à maioridade”.¹⁵ O potencial de amadurecimento, do qual Adão estava dotado no paraíso, tinha seu destino retamente traçado: a realização de sua perfeição. Porém, com a queda, Adão deixa de ser o que era – criança – e, repentinamente, torna-se o que não estava pronto para ser – adulto. De candidato à perfeição e à imortalidade, seu fado converte-se num mau presságio que anuncia sua imperfeição e sua condição mortal. Como reverter este infeliz prognóstico? A esperança emerge do evangelho. O desconcertante convite divino para tornarmo-nos criança novamente implica num movimento de devir. Para que a proposta evangélica tenha sentido e possibilidade de ser realizada, deve haver em nós uma potente criança, esperando para vir-a-ser, tornar-se ato, realidade. O batismo, conforme a compreensão teológica cristã, é a porta de entrada para este novo ser, para este novo Adão vir a existir. Mas só isto (batizar) não basta. Devir implica numa ação, num movimento. Ao passo que o batismo nos *faz* cristãos, a experiência de uma vida cristã é que nos *torna* cristãos. Trata-se de um devir que conduz, paradoxalmente, o adulto para sua criança. Este se dá, especialmente, em nível espiritual, mas não somente. Ele também é existencial, concreto, encarnado na realidade. Implica num grande esforço. O esforço empreendido está na recuperação da inocência, da pureza, da ingenuidade perdidas devido à queda. O que está em jogo é o viver novamente no paraíso, ou melhor, construí-lo desde já, no aqui e agora de nossa vida, não obstante aquela tensão constante entre o já e o ainda não, característico do Reino dos Céus.

A caminhada percorrida após o batismo é a de moldagem do homem novo, conforme o ideal que é Cristo (1Cor 15,22.45; Ef 2,15; 4,24; Cl 3,9-10). Suas qualidades, também presentes na criança, identificam o que devemos nos tornar, ou melhor, ir-nos tornando. Mas é possível alcançar tal modelo? Caso não houvesse essa possibilidade, certamente o convite não teria sido feito. Os santos nos servem de referenciais. Como não sabemos qual teria

¹⁵ HARRISON, 1992. p. 63.



sido a perfeição alcançada por Adão caso não tivesse caído, restamos labutar em busca daquilo que está ao nosso alcance. “A criança é um casulo, apenas. E não há entomologista que possa dizer, pelo aspecto exterior deste casulo, as cores do inseto que palpita lá dentro.”¹⁶ O batismo acaba por ser este casulo espiritual, dentro do qual reconfiguramos nosso ser à sua primeira matriz.

3 Revisitando o Paraíso

Temos até aqui duas faces de nossa criança: o pequeno Adão que cai e torna-se adulto e nossa criança interior, cujo rosto é esculpido a partir do Evangelho. Mas há uma terceira face, a literária. A antropologia teológica une-se ao mundo da literatura para dar vida à Teopoética. É dessa forma que Adão encontra em um garoto chamado Pin, protagonista do título *A trilha dos ninhos de aranha*, de Ítalo Calvino¹⁷, um seu interlocutor. Ambos vivem um drama existencial marcado pela tensão entre seu ser criança e seu ser adulto.

Por ser um trabalho de fronteira, partimos da Teologia em direção ao mundo da Literatura, tentando fazer um casamento teopoético entre elas. O universo literário ganha sentido quando nos identificamos com seus personagens em seus dramas, em suas lutas, em suas vitórias, em seus fracassos, em seu *eu*. “Todos formam o *locus* para um sem fim de possíveis leituras e, de forma peculiar, para uma leitura teológica”.¹⁸ O olhar que lançaremos sobre Pin parte desta perspectiva: analisá-lo teologicamente como um co-irmão do primeiro Adão.

Ele é o garoto protagonista da obra em questão. O dilema de sua vida gira em torno ao fato de ser criança e não gostar nada disso, oposto a Adão. Se dependesse de si, Pin já seria adulto a tempo. A história narrada se passa em plena segunda guerra mundial, quando a Itália se defende das invasões inimigas. Pin acaba entrando para o destacamento dos *partigiani*, grupo da resistência italiana. Quando

¹⁶ Criança. In: RÔNAI, Paulo. *Dicionário universal Nova Fronteira de citações*. 6. imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 225.

¹⁷ CALVINO, Ítalo. *A trilha dos ninhos de aranha*. Tradução: Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

¹⁸ ROCHA, Alessandro. *Revista Via Teológica*. Faculdades Batista do Paraná, v. 15, n. 29, p. 9, 2014.



é tentado, por supostos amigos adultos, a roubar a pistola de um inimigo alemão cliente de sua irmã, que é uma prostituta, e consegue executar o trabalho com louvor, é tomado pelo desejo de apropriar-se da arma e, de fato, o faz. Ele a esconde no lugar onde as aranhas fazem seus ninhos, lugar que só ele sabe onde fica. A partir daí, tendo uma arma em suas mãos, Pin se considera um adulto. Sua arma lhe dá uma pseudo-impressão de maturidade. Emoldura-se, assim, em Pin, uma realidade paradigmática àquela vivida por Adão no paraíso e aqui chegamos ao limar de nossa reflexão, quando a teologia se deixa envolver pela literatura.

Adão vive no paraíso, ao passo que Pin como que cria para si um jardim, local onde esconde sua arma. Eles são os únicos que conhecem estes lugares. A beleza do paraíso só Adão viu. Os ninhos de aranha só Pin sabe onde fica. São locais de encontro: de Adão com a árvore, com o fruto; de Pin com sua arma. Esse encontro só é possível porque ambos cometeram uma transgressão, o que fez com que um e outro fossem tolhidos de seu espírito infantil e ingressassem no mundo dos adultos. A felicidade imediata experimentada após a maldade cometida com o tempo é assumida pelo padecimento que sofrem devido aos seus erros. Há em ambos uma fraqueza nata que os tornam dependentes de seus objetos de cobiça. Adão sofre amargamente por isso; Pin, num primeiro momento, sente-se realizado, mas, volta em seguida ao vazio existencial no qual vive. Tomando as feições de ambos, a humanidade também padece os remorsos que o pecado lhe imputa e sente algum júbilo em experimentar os prazeres de uma maldade realizada com sucesso, uma vez que tenha sido desejada. Sua criança interior é corrompida pelas atitudes adultas que a amarra aos seus pecados.

Ambos cometem um furto: Adão cede à tentação e Pin executa com brilhantismo o roubo da pistola. O fruto e a arma, numa leitura Teopoética, se mostram como dois arquétipos das debilidades humanas, das feridas deixadas em nós pela mácula original. O fruto nos lembra o pecado da gula que, alargado em sua compreensão, implica em um desejo insaciável de poder, de auto-suficiência, de querer ser Deus, senhor do jardim. Isso é próprio dos adultos que se ocupam e se preocupam demasiadamente com coisas que não os enobrecem. A arma, por sua vez, nos leva a pensar na ira violenta e no caos bélico que contamina a humanidade. O ser humano, quando tutor de uma arma, seja ela qual



for (uma ideologia, por exemplo) arroga-se dotado de uma força que lhe dá a ideia de ser invencível quiçá imortal.

Nossos personagens também trilham cada qual o seu caminho. Adão em direção a árvore e, em seguida, para fora do paraíso; e Pin, pelos trilhos dos ninhos de aranha, onde esconde seu tesouro. Ambos retratam o caminho do homem. Enquanto Adão temos que retornar para o local donde viemos uma vez que, encurvados pelos pesos das nossas faltas, a direção de nossa existência nos afasta do paraíso – bem dito – perdido. Portanto, o pano de fundo teológico do movimento adâmico encontra respaldo na vida de toda a humanidade, quando esta se afasta de Deus. A criança adâmica ecoa em cada um de nós, ecoa também em Pin. Ele, seguindo os seus trilhos encontra o seu troféu, seu totem, seu deus. A devoção litúrgica com que trata sua arma faz de sua viagem uma peregrinação rumo ao seu santuário. Porém, bem verdade, caminha em direção à solidão que faz dele uma criança triste, sozinha no mundo, querendo ser adulta a qualquer custo, adorando a um deus incapaz de fazê-lo feliz. Eis o pecado da idolatria, do qual padece a humanidade desde tempos idos. Em nós, Adão e Pin como imagens decaídas da humanidade, ganham vida quando a rota de nossos passos nos leva em direções contrárias à nossa plena realização.

Adão, Pin, todos nós: crianças em busca de si mesmas. Será que haverá encontro? O caminho percorrido deverá nos levar de volta à nossa origem. É uma viagem de regresso, feita por egressos. Enquanto outros Adãos devemos andar por trilhos que nos levam outra vez à cena do crime, olharmos novamente para o fruto e nos perguntarmos, como Pin: “o que eu vou fazer?”¹⁹ Isso deve acontecer todos os dias.

E-mails dos autores:

edinei@tiscalinet.it / edineirc@libero.it

steffens_fernando@hotmail.com

¹⁹ CALVINO, 2004. p. 182.